

ID: 130		Tiragem: IO 023	Página: 01, 18 e 19
	Jornal do Fundão	País: Portugal	
Data: 12.12.2019		Âmbito: regional	Coors
		Periodicidade: semanal	



IDANHA-A-NOVA / Escola Superior de Gestão

A vila que receia mais um encerramento

Em Idanha os dias têm sido de preocupação. Teme-se o fim da Escola Superior de Gestão e preparam-se ações de luta. Para segunda-feira à noite está anunciada uma vigília e para terça uma manifestação

Catarina Caneillho

Uma reestruturação ou a crítica de uma moção apresentada à Assembleia da República parecem ter dividido quem o processo de reestruturação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (IPCB) vai penalizar a vila. Receiam que a proposta de passar de seis para quatro escolas – já aprovada no Conselho Geral – seja o início do fim da Escola Superior de Gestão (ESG), em Idanha-a-Nova. Teme-se que o caminho entre a perda de autonomia e o eventual encerramento seja muito curto e não se admitam as afirmações feitas pelo presidente do IPCC de que os cursos e os alunos não vão mudar onde estão. Em território habitado a perder serviços, descolou-se de dentro a oposição e editou-se as palavras preparadas-se para a segunda-feira dia 16, às 20 horas, está marcada uma vigília junto ao edifício da Escola. No dia seguinte, terça-feira, às 19h, será marcada a noite de manifestação, segundo informação veiculada pelo Movimento pela Manutenção da ESG, ANMMA. António Fonseca promete lá estar porque não aceita o que classifica como "uma machadada" para Idanha-a-Nova. Mas, não encontra um único argumento que possa justificar uma eventual decisão de encerramento. Confrontado com o facto de que não será isso que está em cima da mesa e que já é garantido que os alunos ficam em Idanha, António Fonseca dá o exemplo de que confirma a existência dos serviços públicos para retirar a "entrelaçada". "Primeiro reza-se o hódico de funcionamento, depois muda-se para umas instalações que decem menos despesa e depois, quando se dá conta, já lá não há nada. Aqui, primeiro pode ir a sociedade, depois um curso, depois outro e, no fim, não temos lá nada. É isso que não podemos deixar acontecer", frisa.

António Fonseca está preocupado, por si e por todos, já que os jovens alunos ajudam a economia e o comércio local. Dão vida às ruas ao mesmo tempo que contribuem até para a multiculturalidade da vila e para a regeneração demográfica de um concelho que se debate com o envelhecimento.

"Há sempre quem acabe por ficar", fundamenta, dando o exemplo de uma mudança.

António Fonseca garante que há outros exemplos e ressalva igualmente que a ligação que estas pessoas criam com a terra pode dar frutos em termos futuros. No presente, já todos conhecem e reconhecem os benefícios de ter aqueles alunos em Idanha.

"A vila assim tem mais gente e as ruas mais alegria", diz Maria Maria da Conceição Santos, 86 anos, e Maria José Rogério, 81 anos. Também elas estão preocupadas com o futuro da "universidade" e não aceitam que a escola possa fechar.



A SABER

Partidos tomam posição: Um ano, os partidos políticos têm tomado posição sobre o assunto, manifestando-se contra o eventual encerramento da escola. O Bloco de Esquerda foi o primeiro a manifestar-se, ao apresentar na Assembleia da República uma proposta sobre o assunto, apelando ao diálogo e a uma solução social e economicamente viável. Uma estratégia que também já foi seguida pelo PSD, que alertou para o facto de estar em causa a "deslocação" de um polo dinamizador do concelho.

Per seu turno, a direita do PSD optou por emitir um comunicado para dizer que está "fortemente" contra um encerramento, fala em "princípios inalienáveis" e critica o modelo de financiamento do ensino superior. Pelo PS, a comissão local também já se opõe à manutenção da escola e questiona se as verbas ali investidas são para desperdiçar. Em igual sentido, a direita do PS afirmou estar "totalmente" contra qualquer eventual intenção de encerramento de escolas e apelo à unidade em nome do reforço do IPCC.



Isabel Martins, funcionária do "Menu Super" também adverte as consequências negativas para a terra onde vive. Lembra que a escola tem cerca de 600 alunos que são muitos os que ali vivem e consomem.

"Se não houver escola, isto vai ser um problema", diz Isabel Martins, lembrando que uma boa parte dos clientes do site onde trabalham são alunos da escola.

É lá que o IP economista "Outtime", Teresa e Walber São da Graça-Bissau e foram parte do grupo de alunos intermunicipais que a escola tem vindo a conquistar e que este ano registou um crescimento significativo, contribuído entre para os índices de atratividade da escola e para dar maior dinamismo à vila.

É já a chegada desses novos alunos que, por ali, ninguém quer perder. De resto, os alunos também parecem não ser muito adeptos de uma mudança. Vladimir diz mesmo que o facto de esta escola ser tão importante em Idanha e assumir a deslocação "travessi cá, mas já começa a pensar se fica tem se tem de ir embora".

"A escola foi sempre nossa e tem de continuar a ser. Não há direito que queiram tirar uma coisa destas. Quando eles cá estão, a vila é outra", defendem. Uma ideia partilhada por todos. Por ali, ninguém tem dúvida da importância da escola para o concelho, para os cafés e também para aqueles que arredam as casas aos jovens. Houve até quem tenha feito obra em casa que já estavam vazias para acabar alguns dos alunos. Uma ideia de rendimento que os deixaria de estar na escola de Idanha.

Júlio Fernandes, 67 anos, está reformado. Foi o construtor civil e agora dedica-se à horticultura. Foi lá o primeiro ano que arrendou uma casa a alunos da Superior de Gestão e acredita que não teria dificuldade em arrendar o espaço a outras pessoas. Todavia, também diz que se os alunos fossem embora o rendimento na vila iria sofrer-se. Mas, este homem não consegue perceber como é que uma questão do nível de vida em ambiente de "guerra política" e, aparentemente, sem uma estratégia que

perme o território como um todo. "Não se podem tomar medidas evolutivas. Não merecem ser tomadas essas decisões. A escola pode muito bem ser repensada. Quem sabe, ligá-la mais à agricultura, a outras as características do território, mas fechar é que não", sublinha. Só João Fernandes diz que fechar seria uma injustiça, tal como já considera injusto que um território tenha de financiar totalmente uma escola para poder ter essa estrutura. Defende que o Governo é que tem obrigação de assumir esses despesas, tal como agora tem obrigação de assumir o custo de manter a escola.

"O Governo que tem de ter muito claro e decidir o que quer", aponta, sublinhando que a maioria, certamente, incutirá as ideias socialistas de Estado "bem estar" pela manutenção da escola.

Quem quer saber das questões políticas que o processo pode envolver? Carlos Fernandes faz conta a vida e também segue a "quem manda" que não tem os alunos Idanha-a-Nova. Carla e o marido compraram lá um ano, o "Bibem Bar", que fica